

Uma breve introdução do conceito de Identidade Pessoal em Leibniz e Locke

Rayane Ribeiro dos Santos⁵⁷

Palavras-Chave: Identidade pessoal, mônada, consciência e alma.

Introdução

O objetivo desse texto é introduzir uma breve noção do conceito de identidade pessoal em Leibniz e Locke. Para isso, as obras utilizadas serão do filósofo alemão Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), com o livro intitulado *Novos Ensaaios sobre o Entendimento Humano* (1765) e a obra do filósofo inglês John Locke (1632-1704), com seu texto intitulado *Ensaio sobre o Entendimento Humano* (1689). No entanto, antes de adentrarmos ao assunto principal iremos abordar alguns dados históricos, que foram importantes para o desenvolvimento desse tema. A primeira edição do *Ensaio sobre o Entendimento Humano* de Locke, foi publicado em 1689, mas datado de 1690. Nessa edição, não continha o capítulo XXVII, porém o ao ser colocado em um debate com Sr. Bispo de Worcester, Locke se sentiu no dever de acrescentar esse capítulo. Foi a partir da adição do capítulo XXVII, que Leibniz decidiu fazer seu livro, pois havia muitos assuntos presentes no texto de Locke que ele estudava há muito tempo. Além disso, escreveu seu livro com o objetivo de resolver as dificuldades que a obra de Locke deixou. Leibniz no seu prefácio dos *Novos Ensaaios sobre o Entendimento Humano*, retoma parte desse debate evidenciando que o capítulo XXVII é o mais importante, não só para Locke, mas também para ele. Ainda no prefácio, Leibniz relata que não é um empirista, mas sim um inatista e que sua filosofia está mais próxima de Platão, enquanto a de Locke se relaciona mais com a de Aristóteles.

A estrutura desse texto será dividida em três movimentos, seguindo uma ordem sequencial. O primeiro consiste na diferenciação do princípio de distinção de Leibniz e Locke, no segundo vai ser abordado a noção de consciência. Por fim, iremos finalizar com o conceito de identidade pessoal nesses autores.

Desenvolvimento

Iniciaremos fazendo uma introdução dos parágrafos iniciais do Livro II, capítulo XXVII dos *Novos ensaios* de Leibniz intitulado “O que identidade ou diversidade”, com o texto de Locke, *Ensaaios sobre o entendimento humano*, com o título “Da identidade e

⁵⁷ Graduanda no curso de Filosofia, pela Universidade Federal de Sergipe.

diversidade”. Nos parágrafos iniciais das obras de Leibniz e Locke, aparece uma discussão sobre o que consiste a identidade ou diversidade, surgindo o princípio de distinção, que consiste em saber como as coisas podem se distinguir. Para Leibniz, só é possível fazer a distinção por meio de uma referência de tempo e lugar. No entanto, para Locke o princípio de distinção é o tempo e o espaço. Para Leibniz as coisas diferem umas das outras porque há um princípio interno, no qual me garantiria que as coisas são de fato diferentes, cito Leibniz:

É necessário sempre que, além da diferença do tempo e do lugar, haja um princípio interno de distinção; e embora haja várias coisas da mesma espécie, é todavia verdade que jamais existem coisas inteiramente semelhantes; assim, se bem que o tempo e o lugar (isto é, a relação ao que está fora) nos sirvam para distinguir as coisas que não distinguimos bem por si mesmas, as coisas não deixam de ser distinguíveis em si. (LEIBNIZ, 1992, p.186)

Dessa maneira, Leibniz vai recorrer ao princípio de razão suficiente, que argumenta que não há razões suficientes para existirem duas coisas iguais na natureza. Assim, faz uma crítica a Locke alegando que quem faz a distinção das coisas do tempo e o espaço, são as coisas que fazem parte dele, não o contrário. Tendo feito a diferenciação do princípio de distinção em Leibniz e Locke, o filósofo inglês afirma que a identidade da coisa consiste na organização de um corpo, que participa de uma vida comum e é essa organização que permanece, mesmo que as partes se alterem. Com isso, Leibniz introduz um conceito muito importante para sua filosofia que é o conceito de mônada, que para o filósofo é o princípio de vida subsistente, pois sem ela essa organização das partes não tornariam o indivíduo o mesmo. Ainda em discordância com Leibniz, Locke vai abordar sobre a identidade do homem, onde afirma que:

Identidade de um mesmo homem consiste: apenas na participação da mesma vida contínua, mantida por partículas de matéria constantemente cambiantes, em sucessão, vitalmente unidas ao mesmo corpo organizado. Quem localizar a identidade do homem em qualquer outra coisa senão, como a dos outros animais, num corpo adequadamente organizado tomado num certo instante e, a partir desse instante, mantido numa organização vital em várias partículas de matéria sucessivamente cambiantes unidas a ele, encontrará dificuldade em fazer de um embrião e um idoso, um louco e um sensato, o mesmo homem por meio de uma suposição que não torne possível Set, Ismael, Sócrates, Pilatos, S. Agostinho e César Bórgia serem o mesmo homem. (LOCKE, 2015, p.173)

Com isso, Leibniz responde que a alma é responsável por manter o corpo organizado, através da identidade da substância individual de cada pessoa, que continua igual mesmo que o corpo sofra alterações. Dessa forma, Locke surge com algumas suposições acerca da alma, em que relata que os filósofos que acreditam na transmigração das almas, poderiam concordar que a alma de Pedro por exemplo, após receber uma punição poderia ser enviada para um corpo de um animal. Porém, Leibniz não concorda com isso, uma vez que a identidade da substância individual, ou seja, a identidade do homem só pode ser mantida através da

conservação da alma. Deste modo, não existe uma transmigração da alma, em que uma alma passaria para o corpo de outro.

Agora nessa parte do texto iremos mostrar algumas diferenças entre Leibniz e Locke, para introduzir o problema da consciência. Como mencionado no início do texto, Leibniz é um inatista, ou seja, defende uma linha em que os princípios e noções já estão na alma, bastaria apenas lembrar. Além disso, Leibniz é um cartesiano radical no sentido que a alma é diferente do corpo. Para melhor ilustrar esse conceito, pensemos em dois relógios, um é o corpo e o outro a alma, no qual os dois têm que estar em sintonia, essa sintonia é chamada de harmonia pré-estabelecida em que as ações da alma vão estar em sintonia com as ações do corpo. Já o Locke é defensor que alma é vazia sem nada escrito, uma “tabula rasa”. Sabendo disso, é necessário apresentar que o problema da consciência consiste em saber qual é o conteúdo da consciência que vai ser julgado no juízo final. Para Leibniz, o princípio interno de distinção resolve esse problema, pois quando chegar o dia do juízo final, o conteúdo que vai ser julgado está em cada indivíduo, ou seja, no fundo da consciência. Para Locke, isso é complicado, pois ele acredita que o sujeito é uma tabula rasa, que tudo que chega até ele vem do meio externo, causando-lhe esquecimento, ou seja, não há nenhum lugar em que esse conteúdo esteja depositado, mas para Leibniz ele sempre esteve lá.

Em seguida, Locke apresenta a questão do conceito técnico de consciência e conscienciosidade, que o primeiro refere-se ao pensamento que acompanha o ser, tornando-o diferente de outras pessoas, é o que consiste a identidade pessoal para que a pessoa seja sempre a mesma, o segundo diz respeito aos pensamentos e ações passadas. Nessa parte Leibniz concorda com esses conceitos. No entanto, ele aborda que o conceito de consciência de Locke possui falhas, a pessoa pode de fato ter esquecido de um evento passado. Por isso, para ele apenas a consciência não constitui a identidade pessoal, porque isso não é suficiente para manter uma identidade moral de uma pessoa após um esquecimento. Com a noção de identidade pessoal pré-estabelecida, cito o filósofo inglês para expor que a consciência constitui a identidade pessoal, cito:

Sendo a mesma consciência que faz um homem ser ele mesmo para ele mesmo [be himself to himself], a identidade pessoal depende somente disso, tanto se ela estiver vinculada somente a uma substância individual ou puder se manter numa sucessão de várias substâncias. (LOCKE, 2015, p.177)

Para Locke é nítido que o que constitui a identidade pessoal é a noção de consciência, enquanto que em Leibniz o que consiste a identidade de uma pessoa é o princípio

de vida subsistente chamado de mônada, em que a identidade pessoal seria dada através da unidade da alma que contém uma harmonia pré-estabelecida entre alma e corpo.

Conclusão

Diante do que foi supracitado, pode-se perceber uma ordem linear em que a identidade e diversidade se dá a partir do princípio de distinção, que para Leibniz, só é possível fazer a distinção por meio do tempo e lugar. No entanto, para Locke o princípio de distinção é o tempo e o espaço. Em seguida, mostramos que para Locke a identidade da coisa consiste na organização de um corpo, que participa de uma vida comum e é essa organização que permanece, mesmo que as partes se alterem. A partir disso, Leibniz introduziu o conceito de mônada que é uma unidade de força subsistente, que mostra que é a partir dela que o sujeito permanece o mesmo. Depois, abordamos o problema da consciência que procura saber onde está o conteúdo que será julgado no dia do juízo final, Leibniz como defende uma corrente inatista em que a alma é completa, argumenta que através do princípio interno de distinção esse conteúdo sempre esteve lá, no fundo da consciência. Enquanto que Locke é defensor que a alma é vazia e que o sujeito é uma tabula rasa, ou seja, suas experiências são oriundas do meio externo causando-lhe esquecimento, desta forma defende que não há nenhum lugar em que esse conteúdo esteja depositado. Por fim, apresentamos o que constitui o conceito de identidade pessoal para Locke é a noção de consciência, enquanto para Leibniz é alma e a harmonia pré-estabelecida.

Referências Bibliográficas

LEIBNIZ, G. W. **Novos ensaios sobre o entendimento humano**. Tradução. Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1992.

LOCKE, John. **Ensaio sobre o Entendimento Humano**. Tradução. Flavio Fontenelle Loque. Minas Gerais, 2015.